

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

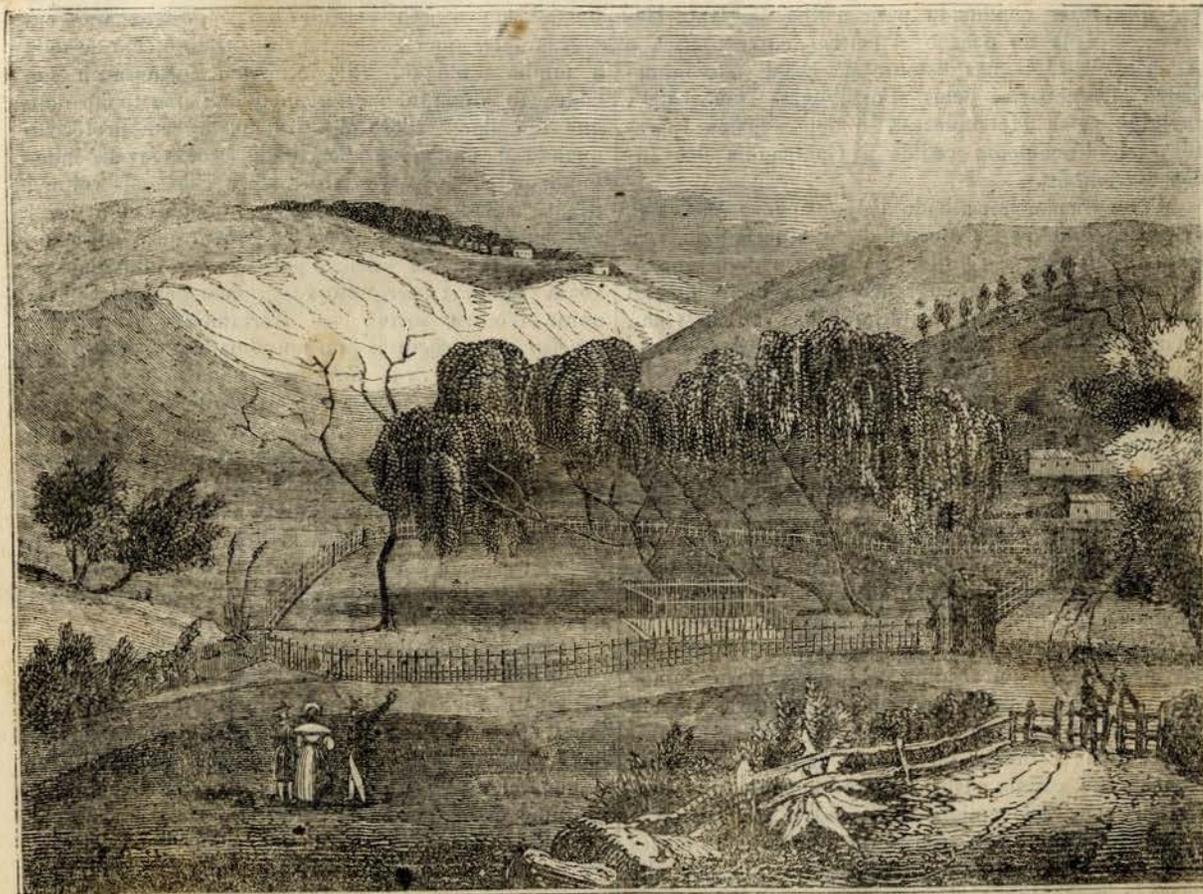
Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 7

1.º DE NOVEMBRO.

1838.



TUMULO DE NAPOLEAO NA ILHA DE SANTA HELENA.

NAPOLEÃO.

O RELOGIO de Fontainebleau marcava meio dia em ponto no dia 20 de Abril de 1814 quando Napoleão descendo do palacio se collocou á testa da sua guarda imperial, como quando costumava passar uma revista no Pateo das Tuilherias nos brilhantes dias do consulado e do imperio. Então, com voz firme e sonora, na mesma forma como na gloriosa época dos seus triumphos, dirigiu ás tropas a seguinte allocução:

“Soldados da minha velha guarda, adeus. Por vinte annos vos tenho acompanhado constantemente pela estrada da honra e da gloria. Tanto n'estes ultimos tempos, como nos dias da nossa prosperidade, tendes sido invariavelmente modelos de valor e fidelidade. Com homens como vós nossa causa não podia perder-se, porem a guerra teria sido interminavel, teria sido uma guerra civil, e trazido grandes males á França. Tenho sacrificado todos os meus interesses aos da patria. Parto; mas vós, meus amigos, continuareis servindo a França. A sua felicidade é o meu unico pensamento; e sempre ha de ser o objecto dos meus desejos. Não lamenteis a minha sorte: se tenho consentido em so-

VOL. I.

breviver é para vossa gloria: é minha tenção escrever a historia dos grandes feitos de armas que unidos temos executado. Adeus, meus amigos. Oxalá podesse eu dar a cada um de vós um abraço.”

Napoleão mandou então que lhe trouxessem as aguias, e havendo-as abraçado, assim como ao General Petit, disse: — “Eu vos abraço a todos na pessoa de vosso general. Adeus, soldados! Sêde sempre valentes e honrados.”

Ditas estas palavras, entrou na sua carruagem e se poz a caminho para a ilha d'Elba, aonde chegou poucos dias depois. Ali empregava seu tempo exclusivamente na administração dos negocios do seu pequeno estado, e em varias obras publicas; a sua pequena esquadra navegava seguramente pelo Mediterraneo, e provavelmente teria fixado na ilha d'Elba seus destinos, se a imbecilidade do governo dos Bourbões, as ridiculas exigencias dos Emigrados realistas, a incapacidade do primeiro ministro Blancas, e o amor proprio dos militares a cada passo offendido, não tivessem engrossado as fileiras dos descontentes, e preparado destramente uma grande conspiração, para o collocar novamente á testa do governo.

Effectivamente no dia 26 de Fevereiro de 1815 embarcou Napoleão com 900 homens, e desembar-

cou em Frejus, no mesmo lugar onde tinha desembarcado quando voltou do Egypto no anno de 1799. Bem sabida é de nossos leitores sua marcha rápida e triunfante até Paris, e todos os mais acontecimentos até á memoravel batalha dada nos campos de Waterloo a 18 de Junho de 1815. Derrotado alli seu exercito, perdidas todas as suas esperanças, e rodeado de perigos, embarcou no dia 15 de Julho em Rochefort a bordo da nau ingleza Bellerophonte, dizendo ao capitão Maitland: "Senhor, venho implorar a protecção do vosso principe, e das vossas leis." O governo inglez resolveu que fosse conduzido para a ilha de Santa Helena, situada no oceano Atlantico entre Africa e America, 400 leguas distante da costa mais immediata. Descuberta pelos Portuguezes em 1501, possuida pelos Hollandezes, e depois pelos Inglezes, foi ultimamente cedida á Companhia das Indias Orientaes.

N'esta Ilha, acompanhado d'alguns poucos feis servidores, os generaes Bertrand, e Montholon, e o Conde Las-Casas (author do famoso Atlas historico, chronologico e geografico com o nome de *Lesage*) passou Napoleão os ultimos dias da sua vida, amargurados pelo tratamento brutal e indecente do governador Sir Hudson Lowe. As memorias escriptas pelo medico inglez O-Meara, as que depois publicarão o Conde de Las Casas, e o general Montholon contém noticias muito interessantes da vida do homem, que foi por muitos annos senhor da maior parte da Europa. Napoleão foi grande até na sua desgraça, pois soffreu com valor e grandeza de alma os ultimos revezes da fortuna. Finalmente a sua saude começou a quebrantar-se, e quando se convenceu de que o termo da sua vida se aproximava rapidamente, fez seu testamento escripto do seu proprio punho. Como objecto curioso damos aqui uma copia exacta da sua assignatura quando era consul, e da letra ou escripta do seu testamento. (Veja-se a Estampa no fim do artigo.) Napoleão exhalou seu ultimo suspiro tranquillamente nos braços dos seus feis amigos Bertrand e Montholon a 5 de Maio de 1821, tendo 51 annos e 9 mezes de idade. No dia 9 foi enterrado, no sitio por elle marcado como lugar do seu eterno repouso, com as honras de simples general. A estampa que o leitor tem á vista representa o seu tumulo; uma grade de ferro rodêa a lapida sepulchral, e outra de pau defende um pequeno terreno sombreado de salgueiros babilonicos.

Muitas columnas poderiamos nós encher com anedotas da sua vida; referiremos porem uma pouco conhecida, e que pinta perfeitamente seu character imperioso, e o genio dominante ao qual ninguem podia resistir.

CASAMENTO INESPERADO.

O QUE vamos referir é uma prova indubitavel do ascendente de Napoleão; os genios mais duros e intractaveis vião-se forçados a ceder aos seus desejos, ainda antes d'elle ter chegado a ser o supremo chefe do imperio.

Quando se tratou de mandar uma expedição á ilha de S. Domingos, Bonaparte resolveu confiar o commando das tropas a seu cunhado o general Leclerc, casado com Paulina Bonaparte, depois princesa de Borghese. Chamou pois seu cunhado ao seu gabinete, e declarou-lhe quaes grão suas tenções. — Eu me teria por muito feliz em poder servir novamente á França; porem devo informar-vos, meu general, que um dever sagrado me

liga a minha patria. — Vosso amor a *Paulette*? Ella vos acompanhará e até approvo que o faça; o ar de Paris não lhe convem; é bom somente para as *coquettes*; um character semelhante não é proprio d'ella, é necessario que vos acompanhe; isso é cousa decidida. — Certamente hei de sentir o separar-me d'ella, porem não é isso o que me move a não tomar um commando tão honroso. Minha esposa ficará rodeada d'uma familia que a ama extraordinariamente; a esse respeito não tenho a menor duvida. O que me inquieta é a sorte de minha querida irmã; esse é o unico motivo que me obriga a não acceitar um emprego, que em outras quaesquer circunstancias seria objecto de toda a minha ambição. Ella é nova e formosa; a sua educação ainda não está concluida; não tenho dote que lhe dar; como a posso deixar sem protecção quando a minha ausencia pode prolongar-se indefinitamente, quando talvez, não hei de mais voltar! Meus irmãos não estão aqui; é pois um dever que eu fique; appelo para o vosso proprio coração, conhecendo vossa affeição por todos os individuos da vossa familia; pergunto-vos, meu general, posso obrar d'outra sorte? — Certamente que não; é preciso que procureis um noivo para ella, e isso immediatamente; . . . amanhã por exemplo, e depois já podeis partir. — Repito que não tenho nada para dotar minha irmã e . . . — E bem! que temos com isso? Digo-vos, meu amigo Leclerc, que vos prepareis sem perder tempo para partir; vossa irmã ha de casar amanhã mesmo; por agora ainda não sei com quem, mais isso pouco importa; ella ha de casar, e bem. — Porem . . . — Não vo-lo tenho dito bem claramente? Não fallemos mais n'esse assumpto."

O general Leclerc estava, como todos os outros generaes, costumado a considerar como seu amo o individuo que pouco tempo antes tinha sido seu igual, e se retirou sem replicar mais uma palavra.

O primeiro que entrou no quarto do consul foi o general Davoust, e depois dos cumprimentos de costume disse que vinha para lhe participar seu projectado casamento — Com mademoiselle Leclerc? Parece-me muito bem. — Não, meu general, com madame . . . — Com mademoiselle Leclerc, replicou Bonaparte carregando o accento com emphasis sobre o nome. Acho essa união muito propria, e *insisto* em que se celebre immediatamente. — Ha muito tempo que sinto uma paixão por madame . . . ella é livre para poder casar, e nada haverá que me obrigue a renunciar sua mão. — Nada senão a minha vontade, replicou o primeiro consul, olhando para elle com os seus olhos de aguia. Agora mesmo deveis partir para a casa de educação de madame Campan em S. Germão: o general Leclerc, que está n'este instante na salla com minha mulher, vos acompanhará, e apresentará a sua irmã vossa futura esposa. Mademoiselle Leclerc ha de vir a Paris esta mesma noute. Vós deveis preparar os presentes da boda, que devem ser ricos, uma vez que eu hei de ser o padrinho da noiva. O dote corre por minha conta, e tambem o enxoval: o casamento ha de celebrar-se tão logo que estejam preenchidas as formalidades legais; não quero a menor dilatação. Já sabeis o que desejo; por conseguinte *o que vos resta é obedecer*.

Assim que Napoleão acabou de dizer estas palavras, pronunciadas sem a menor pausa, e com aquelle tom imperioso proprio d'elle, tocou a campainha, e mandou chamar o general Leclerc. — "Então, não tinha eu razão? disse o primeiro consul ao seu cunhado quando se apresentou; aqui está

o marido de vossa irmã: ide juntos a S. Germão, e que eu não vos veja outra vez até estar tudo arranjado; aborreço todas as discussões em materias pecuniarias."

Os dous generaes estavam pasmados; e sem responder uma palavra, se retiráram para obedecerem ás ordens do consul. Apesar da aspereza e do genio nada amavel do general Davoust, humildemente se submetten á vontade de seu amo. Quando chegou a casa de madame Campan, foi apresentado a mademoiselle Leclerc, da qual não gostou, provavelmente porque lhe fora offerecida sem lhe ser permitido o poder recusa-la. Facil é conhecer que a allegria não presidiu áquella entrevista: apesar

d'isso fizerão-se os arranjos preliminares, e poucos dias depois celebrou-se o casamento.

O general Davoust, depois príncipe de Eckmuhl, não soube ao principio dar valor ao merito da sua virtuosa e formosa mulher; e ella soffria em resignação o mau tratamento de seu marido. As suas virtudes finalmente conseguirão amansar a dureza d'um homem que, possuindo esplendidos talentos militares, não tinha um só d'aquelles que formão o encanto da vida domestica. Elle se arrependeu da sua indiferença para com uma mulher que era a admiração de todos, e a recompensou a final com a afeição mais sincera, e a confiança mais illimitada.

Barthélemy

*Ceci est mon testament
écrit tout entier de
ma propre main*

Napoleon

TRADUÇÃO.

Este é meu testamento escripto inteiramente do meu proprio punho.

Napoleão.

SOBRE BANCOS D'ECONOMIAS.

(Concluido do N.º 5.)

A CONSTITUIÇÃO dos Bancos d'Economias é, em Inglaterra que foi seu berço, regulada por lei. O objecto era de demasiada importancia, assim moral como social, para não chamar a attenção do Governo; e as disposições legislativas promulgadas, ao tempo que excogitão todos os meios de prevenção d'abusos, favorecem em alto grão os depositantes nestes estabelecimentos.

Coordenados com o fito na lei, os regulamentos d'um dos bancos d'Economias, mais conhecidos em Inglaterra, cujo sentido medullar passamos a transcrever, darão a nossos leitores uma assaz cabal idéa, assim das determinações geraes da lei, como de sua appropriação particuliar a uma destas Instituições: —

ADMINISTRAÇÃO. O banco é administrado por um Presidente, dous Vice-Presidentes, os Depositarios (*) que forem necessarios, e não menos de 50 Directores. — Nenhum destes individuos pôde receber lucro ou beneficio, directa ou indirectamen-

te, dos depositos recebidos ou de seus rendimentos. — Um ou mais Directores assistem no banco durante as horas em que está aberto.

COMISSÃO DE DIRECÇÃO. Uma commissão de não menos de 10 Directores (dos quaes tres constituem Meza) superintendem o negocio usual do Banco; e tem por attribuições — o augmentar o numero dos individuos que formão a direcção por escolha d'entre os mais directores — nomear Thesoureiro, Official-maior, Agentes, e Caixeiros — e annular taes nomeações quando o julgar conveniente. — As transacções desta Commissão são levadas ao conhecimento da Assembléa Geral.

ELEIÇÕES. A Commissão de Direcção pôde elevar o numero de Directores até 120 — exclusivê o Presidente, Vice-Presidente, e Depositarios. Qualquer vacatura nestes ultimos logares é preenchida em Assembléa Geral.

ASSEMBLEA GERAL. Esta tem logar todos os annos no mez de Fevereiro. A Commissão de Direcção apresenta um Relatorio de seus trabalhos, e um estado de contas. Procede-se á eleição da Commissão de Direcção para o anno seguinte. A mesma pôde ficar re-eleita.

ASSEMBLEAS EXTRAORDINARIAS. A Commissão de Direcção pôde convocar uma Reunião Geral todas as vezes que assim o julgar conveniente; e é obrigada a fazê-lo todas as vezes que lhe fôr apresentada requisição assignada por 10 Directores. So-

(*) Os depositarios são usualmente banqueiros, em cujas mãos se depositão as sommas que o Thesoureiro vai recebendo, e por cuja via se faz a transmissão dos fundos do estabelecimento para o governo.

te dias de previo aviso devem decorrer antes da realisação da convocada reunião.

RESPONSABILIDADE DE DEPOSITARIOS, DIRECTORES, EMPREGADOS &c. Nenhum Depositario ou Director será pessoalmente responsavel senão por seus proprios actos, nem por cousa por elle obrada em virtude de suas funcções, salvo nos casos de negligencia ou falta voluntaria. — O Thesoureiro, o Official-Maior, todos os empregados a quem se confião a recepção e guarda de dinheiros, todos os Caixeiros &c. que recebem salarios, devem prestar boa fiança perante as auctoridades.

RECEPÇÃO e LIMITAÇÃO DE DEPOSITOS. Aceitação-se em deposito quantias não menores do que (*) 200 réis por cada vez. A somma total que n'um anno pôde depositar-se não deve exceder 120\$000 rs. Quando a somma total depositada chegar a 600\$000 réis não é licito augmentar esta somma. E quando os depositos e seus juros amontoados sommem 800\$000 réis não se pagão mais juros sobre essa quantia.

JUROS. A razão de juros que o banco paga a seus depositantes é de $\frac{9}{960}$ por 100 por dia, ou $3\frac{405}{960}$ por 100 por anno. Os juros vencidos são passados ás contas dos depositantes, e (se elles os não retirão) reunidos aos seus capitaes para com elles vencerem juros, todos os annos no mez de Novembro. — Aos depositantes que levantão a somma total de suas entradas, pagão-se juros até ao dia em que se notificou a tenção de retirar a somma depositada.

DECLARAÇÕES NO ACTO DE SE FAZEREM DEPOSITOS. Ao tempo de fazer seu primeiro deposito cada depositante (e no caso de menor de 7 annos seu representante legal) deve declarar sua morada e occupação, e assignar uma declaração em como, nem directa nem indirectamente, é depositante ou recebedor de lucro de somma depositada em outro banco d'economias, nem de somma entrada em nome d'outra pessoa no banco em que agora deseja fazer deposito. Esta declaração pôde ser delle exigida todas as vezes que se julgar conveniente. No caso de falsidade nesta declaração o depositante perde o direito ás quantias que por elle tem sido depositadas, que lhe são confiscadas e pagas aos Commissarios nomeados para a redução da Divida Nacional. E' com tudo permittido a qualquer depositante representar a outro.

MENORES. Depositos recebidos de menores, ou em beneficio seu, são sujeitos aos mesmos regulamentos como se fossem pessoas de maior idade.

SOCIEDADES DE OBJECTO CARITATIVO. As Sociedades de beneficencia mutua, e todas as mais sociedades caritativas, podem depositar seus fundos nestes bancos em quantias que não excedão 400\$000 réis por anno, e 1,200\$000 réis no total.

LIVROS DE DEPOSITANTES. As sommas depositadas são lançadas nos livros do Banco, e cada Depositante, no acto de fazer seu primeiro deposito, recebe um livro em que se fazem assentos analogos. Este livro deve acompanhar todo o subsequente deposito, todo o aviso de levantar deposito, e todo o acto da recepção do mesmo.

DEPOSITOS DE PESSOAS QUE NÃO PODEM COMPARECER. Ha formulas impressas para os individuos que não podem pessoalmente comparecer na entrega de suas economias pela primeira vez; mas toda a pessoa já constituída depositante pôde en-

viar quaesquer sommas addicionaes por qualquer individuo a quem tenha feito entrega de seu livro.

LEVANTAMENTO DE DEPOSITOS. O depositante pôde receber o total ou parte de seus depositos em qualquer dia que, depois de aviso seu, os Directores lhe determinarem, e que não exceda o 14.º depois desse aviso. Estes depositos não se entregão com tudo senão á propria pessoa do depositante, ou a ordem de letra e assignatura sua, feita perante magistrado competente.

RE-DEPOSITO DE SOMMAS LEVANTADAS. E' prohibido desde 1833.

RECUSA OU RESTITUIÇÃO DE DEPOSITOS. E' permittido ao banco regeitar o deposito offerecido ou restitui-lo quando feito, a quem bem quizer, e quando o julgar conveniente.

CONTESTAÇÕES ENTRE O BANCO E SEUS DEPOSITANTES. Toda a contestação entre o banco e qualquer seu depositante será decidida *sem appellação* pelo (*) Advogado, nomeado pelos Commissarios da Reducção da Divida Nacional, para a fiscalisação dos estatutos e tabellas das Instituições desta especie.

São estas as disposições mais essenciaes dos Estatutos do Banco d'Economias de S. Pancrácio, uma freguezia de Londres. Omittimos outras de menor interesse; e completaremos nosso bosquejo da organisação destes estabelecimentos por algumas disposições da Lei sobre a creação de qualquer banco d'economias, e o modo porque seus capitaes produzem juros — pontos estes que por sua natureza não são mencionados nos Estatutos que acabamos de referir.

Toda a Associação que destina formar se em Banco d'Economias deve obter a approvação dos Magistrados do Districto em Junta Geral, assim como a dos Commissarios da redução da Divida Nacional. Os regulamentos da intentada Associação devem ser previamente revistos por um letrado, a fim de fiscalisar qualquer illegalidade que nelles possa haver.

Os Depositarios destas associações, já constituídas em Bancos, devem entregar seus fundos nos Bancos de Inglaterra e Irlanda. E' lhes prohibido dar-lhes outra applicação. Estes fundos depositados nos Bancos acima mencionados de Inglaterra e Irlanda serão empregados em (**) Annuidades de Banco, ou Obrigações do Thesouro Publico. Pelas sommas recebidas entregão os Commissarios da Divida Nacional recibos que vencem juros na razão de $\frac{1}{96}$ por cento por dia. Esta razão de juros é maior que aquella que se paga aos individuos depositantes, que dissemos ser na razão de $\frac{9}{960}$. O excedente é destinado ás despezas indispensaveis dos Bancos d'Economias.

Nas transacções do Governo com os Bancos segue-se a mesma razão em quanto á accumulção de juros e capitaes, como aquella que existe entre os Bancos e seus Depositantes; e julgamos desnecessario entrar em mais minudencias a este respeito. Lem-

(*) Este advogado occupa um logar de summa importancia e responsabilidade. A elle e sua revisão são sujeitos todos os calculos de probabilidades de vida, de juros simples e compostos, todas as tabellas e estatutos das Sociedades cujo objecto é a beneficencia e caridade. Em taes calculos e tabellas pôde ingerir-se muita fraude, que sómente o homem perito pôde descobrir. O mesmo acontece em seguros de vida, pensões annuaes &c.

(**) *Annuidade* é um termo que designa uma pensão annual que se começa a pagar depois d'uma época marcada, e cujo capital productivo foi para esse fim entregue em prestações, ou mesmo d'uma só vez.

(*) D'uma vez para sempre declararemos que na conversão de moeda ingleza para portugueza tomamos a libra esterlina no valor de Rs. 4\$000 ou 10 cruzados. O franco francez julgaremos equivalente a 160 réis.

bramos sómente que em Inglaterra e França, os Governos pagão seus dividendos e juros com tanta pontualidade como um bem regulado relógio decorre seu mostrador.

Temos fallado mais extensamente dos Bancos d'Economias d'Inglaterra por serem aquelles de quem temos mais conhecimento. Em França porem achão-se perfeitamente bem estabelecidos e regulados, e ahí tambem se empregão os capitaes destes estabelecimentos nos Fundos Publicos. — Mas na Suissa os Bancos d'Economias derivão seus lucros de operações de descontos de Letras e Empréstimos so-

bre Penhores. O juro que pagão é de 3½ por cento; em quanto que suas transacções lhes rendem 4 por cento por anno. Assim subsiste o banco de Economias em Neuchâtel ha 25 annos.

Em França os Bancos d'Economias tem recebido sommas consideraveis. Em 31 de Maio de 1835, a somma das quantias depositadas fazia o total de Rs. 7,639,280\$000.

Em Inglaterra tiverão os Bancos d'Economias nascimento em 1817; seu estado em 20 de Novembro de 1836 constará da tabella seguinte, que é documento official:

Summario de Depositantes e Quantias depositadas, nos 491 Bancos d'Economias existentes nas Ilhas Britannicas, em 20 de Novembro de 1836.

	N.º de Depositantes.	Somma de Depositos	Somma media de cada Deposit.
De sommas não excedendo.	Rs. 80\$000 .. 309,784 ..	Rs. 8,644,564\$000 ..	Rs. 28\$000
.....	200\$000 .. 170,857 ..	20,947,368\$000 ..	124\$000
.....	400\$000 .. 70,218 ..	19,185,236\$000 ..	272\$000
.....	600\$000 .. 22,786 ..	10,940,496\$000 ..	480\$000
.....	800\$000 .. 12,089 ..	8,216,632\$000 ..	680\$000
Excedendo a (*)	1000\$000 .. 3,077 ..	3,058,264\$000 ..	992\$000
	588,811	Rs. 70,992,560\$000	Rs. 120\$000
N.º e Sommas das Instituições de Caridade, cujos capitaes são depositados nestes bancos.	5,106	1,321,796\$000	Rs. 260\$000
Numero e Sommas das Sociedades de Beneficencia mutua nas mesmas circunstancias.	5,409	2,909,180\$000	Rs. 536\$000
		75,223,536\$000	

Donde se vê que a somma total investida por conta dos Bancos d'Economia, nas mãos do Governo na época a que nos referimos, se elevava á enorme somma de 188 milhões, 58 mil, e 840 cruzados!

Na referida época o Governo, por meio dos Commissarios da Divida Nacional, tinha pago aos Depositarios das Sociedades de Beneficencia mutua a somma de 88 milhões, 72 mil, e 140 cruzados!

Não nos consta que haja uma classificação geral das occupações dos depositantes. Tomaremos por tanto um banco particular para offerecermos alguns dados a este respeito.

O Banco d'Economias de *Mary-le-bone*, (em Londres) começou em Julho de 1830, e em Novembro de 1835 contava

Depositantes.	Sommas Depositadas.
Homens. 4,004	} Rs. 373,496\$000
Mulheres .. 2,466	

(*) Estes depositos consideraveis provêm de terem sido feitos antes da lei actual, que restringiu a somma total a menor quantia.

Entre estes havia

Depositantes.	Sommas Depositadas.
Creados de servir. 626	Rs. 54,656\$000
Creadas de servir. 1290	„ 81,628\$000
Costureiras, Modistas, &c. 621	„ 35,120\$000
Caixeiros &c 219	„ 12,700\$000
Officiaes Mechanicos, Artistas &c. } 793	„ 33,304\$000

No numero total de depositantes havião 284 menores (de 21 annos) masculinos, e 342 femeninos; cujas sommas totaes se elevavão a Rs. 12,800,000, contavão-se 82 apprendizes, com a somma de Rs. 1,312,000. E não deixaremos de notar que mais que uma quinta parte dos depositos tinhão sido feitos por administradores legaes em nome de seus tutelados.

Terminaremos com este assumpto, e deixamos a nossos leitores ulteriores considerações sobre as relevantes utilidades dos BANCOS D'ECONOMIAS.

AS INTRIGAS VENEZIANAS. (*)

OU

FREI GREGORIO DE JERUSALEM.

ACHAVA-SE Veneza no auge de seu esplendor quando um joveu Alemão chamado Alberto, movido do desejo de augmentar a herança que acabava de receber, empregando-a em especulações commerciaes,

chegou áquella cidade, que então, qual Senhora do Adriático, parecia nau grandiosa fluctuando sobre as ondas: que hoje jaz casco encalhado pela tormenta sobre a costa, triste, solitario, e esboroando-se pouco a pouco. Sorria o mar aos raios do sol, que depois da longa carreira d'um dia de verão, ia occultar-se por detraz dos distantes cumes do Apenino, quando o navio, que de Trieste conduzia a Alberto ancorou no

(*) Nos numeros 4.º e 5.º do Museu dámos um Esboço historico da Republica de Veneza: todavia para que os nossos leitores possessem formar uma verdadeira idéa da índole e dos costumes dos seus habitantes, das molas que os membros do seu

governo fazião trabalhar para se sustentarem no poder, das intrigas tenebrosas que elles urdião, do terror, que, com justa razão, inspirava o Tribunal dos X, faltava traçar um quadro que sem pertencer á historia, não estivesse em contradicção com a mesma. Eis o que vamos fazer n'esta novela intitulada, as Intrigas Venezianas.

porto. Foi logo rodeado de varias das góndolas que cubrião os canaes, que servem de ruas em Veneza, e em breve se viu o nosso passageiro, no meio d'aquella cidade de dissolução e de prazeres. A novidade dos objectos, o contraste entre a gravidade allemã, e a allegria buliçosa dos Venezianos, a estação do anno, e sobre tudo a mocidade e inexperiencia de Alberto, destruirão n'um instante todos os seus planos de commercio. Não havia janella na qual não fixasse a vista attrahido pelos olhos que com negro brilho scintilavão por detraz das entre-abertas gelosias, ou em frente d'outras de par em par abertas, como para fazer alardo da sua belleza. " De vagar, disse elle ao Gondoleiro: " para que tanta pressa, remando como se nos dêsse caça uma galeota turca? " — " Meu senhor, respondeu o astuto Veneziano, " pelo que a mim me toca, seguro estou de que não me hão de tomar os Corsarios que comegão a dar caça a Vossa Senhoria, " — " A mim? como? não vos comprehendo. Porem dizei-me, que principe mora n'aquella grande casa á direita? Sem dvida tem hoje alguma reunião de convidados, quatro, cinco, .. que sei quantas bellezas estão na varanda? " — " Todas essas são de casa, meu amo. Pelo que observo, vossa senhoria está disposto a visitar essas senhoras. Animo pois, e a ellas, " Alberto comegou a encrespar-se com as respostas do Gondoleiro; porem, acabavão de chegar n'este instante debaixo da janella na qual tinha fitos os olhos; e tal foi o sorriso carinhoso com que o seu olhar foi recebido, que julgou haver sido transportado em sonhos a um mundo de encantos e prazeres. De melhor humor com o Gondoleiro perguntou-lhe, como poderia conseguir introduzir-se na casa? " — " Só com bater á porta, meu senhor. Eu tenho sido o Gondoleiro d'essa familia, e sei que as senhoras d'ella são muito affeioadas a estrangeiros. Se quizerdes, depois de deixarmos na estalagem a vossa bagagem, voltaremos aqui, e vos deixarei á porta. "

Desejoso de seguir o conselho, posto que algum tanto receoso de receber alguma desfeita, pois a casa, segundo o seu aspecto, não podia ser de má fama, quiz Alberto tentar fortuna; e pondo um dos seus melhores vestidos, entrou de novo na góndola, a qual com um movimento mais rápido do que antes chegou á escadaria ou lugar de desembarque d'aquelle edificio que se lhe figurava palacio.

O porteiro o recebeu com respeito, e em breve se viu n'um salão adornado; aonde as Damas que captivavão sua vista derão-lhe as boas vindas com a maior urbanidade. A's desculpas que deu do seu atrevimento, responderão-lhe que os costumes venezianos o permitião, e que uma vez que a sua presença, e as pessoas para quem trazia cartas, que tinha nomeado, asseguravão que era um sujeito decente, ellas tinham muito prazer em que aquella casa fosse a primeira em que se apeasse.

Dahi a pouco tempo forão chegando varios cavalheiros, que frequentavão a casa, e logo se acharão todos tão amigos como se tivessem vivido em intimidade muitos annos. A musica, a dança e o jogo vierão diverti-los em successão não interrompida. Alberto ganhou algumas vinte moedas d'ouro, e tendo conseguido para o dia seguinte a palavra da joven, a quem se dedicou aquella noute, de que se havia de encontrar em hora e sitio determinados, se retirou doudo de contentamento para a estalagem, jurando no seu coração que Veneza era o verdadeiro paraíso na terra.

Tendo ido visitar o banqueiro, em cujas mãos estavam os seus fundos, moveu-lhe a curiosidade a fazer algumas perguntas acerca da casa que havia vi-

sitado na tarde anterior. A resposta, ainda que dada com boa intenção, não lhe foi muito agradável. Soube por ella que a casa, posto que não de classe inferior, tinha pessima fama na não escrupulosa Veneza. " Cautella com a vossa bolsa, disse a final o Banqueiro. " Homem mesquinho, respondeu para si Alberto: não pensas senão em dinheiro. " Porem, já é meio dia, e é tempo de ir ao encontro da minha Giannetta ao acabar da missa, na praça de S. Marcos.

Mais pontual que o mesmo relógio de S. Marcos encontrou o nosso Allemão a sua feiteiceira, no meio d'aquella confusão prodigiosa e animada de gentes de todas as nações, cada qual no seu traje particular, cada qual fallando sua lingua, e todos tão allegres e socegados como se estivessem em seu paiz nativo. Nem é necessario, nem acaso seria possível, seguir o nosso heroe no labyrintho de dissipações e prazeres em que se perdeu de vista aos negociantes seus correspondentes. Seguiu-o, porem, ao longe, os penetrantes olhos do Banqueiro, quem pelo fio das suas contas descobria o estado em que se achavão os cordões da sua bolsa e quão cedo teria de corrê-los pela ultima vez. O incauto Alberto isso mesmo percebia, e até os companheiros e complices dos seus desvarios não tinham muitas duvidas sobre a catastrophe que se approximava.

Chegou entre tanto o dia em que Alberto assignou o ultimo recibo que dava fim ao seu cabedal, do qual até o ultimo sequim tinha viado a Veneza. Já havia observado, por muitas semanas antes, certa frieza e despego na joven que até então parecia só viver por elle e para elle. O agasalho que de todos os visitantes recebera, em tanto que com incauta franqueza deixava que sua continuada má sorte no jogo fizesse desaparecer o monte de peças que cada noute apinhoava adiante de si ao tempo de comegar a banca, tinha-se convertido em certa especie de escarneo mal occulto, e n'um geral desvio da parte daquelles que antes o rodeavão todo o dia. A paixão desenfreada que tinha concebido por Giannetta cada vez mais o devorava, como se o despego, e os zelos a tivessem continuamente convertendo-a n'uma especie de febre. Varias vezes teve o pensamento de pôr fim á immensidade de males que se lhe apresentavão em perspectiva; mas nunca com tanta vehemencia como quando o criado, que tinha mandado a casa do Banqueiro pedindo uma pequena quantia de dinheiro emprestada, poz lhe na mão um bilhete que marcava a negativa em termos poucos urbanos. Era isto no fim da tarde, quando levado da enganosa esperança que como reclamo attrae mais e mais para o caminho da perdição aquelles que se entregão ás paixões, sem deixa los até que os lança no ultimo precipicio, Alberto se preparava a tentar fortuna, por ultima vez ao jogo. Esperava ao menos aclarar as duvidas em que se achava a respeito do comportamento de sua amada; e se em ambas as cousas a sorte escarnecesse d'elle, já tinha resolvido pôr fim á vida n'aquella mesma noute.

N'esta agitação e combate de affectos se achava Alberto, quando um Gondoleiro deixou á sua porta um bilhete no qual Giannetta lhe annunciava sua determinação de nunca mais o ver, allegando razões tão frivolas e ridiculas, que não deixavão duvida do motivo ao infeliz amante. Rasgou em mil pedagos o bilhete, e pisando os fragmentos, pegou na capa veneziana, e embuçado n'ella se dirigiu a um café retirado que era frequentado pelos mercadores Turcos para tomar ópio. Comprou, logo que entrou, uma porção d'este soporifico, bastante para tirar a vida a vinte pessoas, e retirando-se para um dos ga-

binetés em que a salla estava dividida, assentou-se n'uma cadeira com o desalento que geralmente precede o ultimo fienesi de furia em semelhantes casos.

Apenas tinha tido tempo para olhar á roda de si quando uma pessoa cujo vulto mal divisou ao passar, lançou sobre a mesa uma carta, e desapareceu. A sombra que este individuo causára, e o som da carta ao cair sobre a meza, chamárão a attenção distraida e confusa do infeliz manco. Olhou para o sobrescrito, e achou que dizia; "ao Sr. Alberto de Nuremberg, com urgencia.," A estranheza do caso interrompeu a serie de idéas finestas que sem cessar havião occupado a sua imaginação durante as ultimas vinte quatro horas; pegou na carta, rompeu o sello, e achou n'ella as seguintes palavras. "Que intentas, joven temerário? Porque perdes toda a esperanza? O ceo, a quem offendes com a tua desesperação, fez-me saber as tuas desgraças para as remediar. Amanhã quando começar a escurecer faz oração perante o altar de nossa Senhora que está no claustro interior de S. Francisco. — *Quem vigia em teu proveito.*,"

Difficil seria pintar a multidão de sentimentos que estas misteriosas palavras excitárão na alma de Alberto. A maneira com que a carta havia chegado ás suas mãos parecia-lhe sobre natural. A pontualidade com que se quiz atalhar o suicidio, que já ia consumir, não podia na sua opinião proceder senão de pessoa inspirada. Com tal aviso, a tal tempo, não era possivel ir adiante no intentado crime. "O ceu, disse consigo, que tão claramente me tem libertado da minha desesperação, me dará meios de restabelecer a minha fortuna.,"

Sem sair da sua estalagem em todo o dia, esperou Alberto que o sol se occultasse no horizonte; e palpitando-lhe o coração como se quizesse sair-lhe pela boca entrou pelos solitarios claustros de S. Francisco, quando já era mister o auxilio da alâmpada que ardia na entrada do pateo interior, que dava para o noviciado. Um suor frio lhe correu o corpo quando passou por baixo do arco intermedio, e finalmente divisou o altar de Nossa Senhora, que estava d'outro lado do quadrangulo. Logo que a elle chegou, ajoelhou-se, e ainda que pouco costumado a actos de devoção não pôde deixar de sentir-se possuido d'uma certa abstracção pavorosa que mais parecia effeito sobrenatural do que resultado das circumstancias externas. Absorto, e confuso se achava Alberto sem poder reduzir o tumulto dos seus pensamentos, nem se quer a aspirações soltas com que implorasse o auxilio do céu quando o echo dos silenciosos claustros levou aos seus ouvidos os compassados passos, e o arrastar da longa túnica d'um religioso que se aproximava ao altar. Um movimento involuntario o obrigou a levantar-se, e virar-se para o lado donde se ouvia o ruido. Effectivamente viu um frade com o capuz levantado, que se dirigia para elle. "Alberto! (lhe disse em voz baixa ao approximar-se). Da minha carta de hontem podes inferir que me não és desconhecido. Se fores acatelado e capaz de guardar o segredo, a tua fortuna cedo se hade ver restabelecida. Conheces a Mocénigo?," — "Sim, o conheço. posto que não possa dizer que o tenha tratado.," respondeu o joven. "Sei muito bem, replicou o frade, que ainda que ligado com Elvira, a irmã de Gianneta, nunca vai publicamente a sua casa. Porem, posto que te pareça estranho que uma pessoa da minha profissão te proponha a voltar a um lugar de dissipação, a segurança do estado Veneziano o requer. A tua pobreza te ha lançado fora da caza da tua amada; porem, em casa do teu banqueiro acharás meios que te facilitarão outra vez a entrada. Mocénigo conspira

contra a sua patria. O facto é certo; faltão porem as provas. Insinua-te com Elvira; ganha a sua confiança com presentes e promessas; encobre as tuas intenções a todos, continuando na amizade de sua irmã. Se conseguires descobrir ainda que não seja senão indícios, com tanto que possão servir de prova ao suspeito tribunal dos Dez, a tua fortuna é certa. De todos os modos começa a gozar do premio nos fundos que has de achar depositados á tua ordem. Mas tem presente que por pouco que a tua lingua se deslize, vais ser encerrado para sempre n'uma das mais escuras prizões do Estado. — Dentro de trinta dias certos aqui te espero para me dares parte do que tiverdes feito.,"

Sem esperar a resposta, nem pedir assentimento a uma commissão tão perigosa, o frade virou as costas, e em breve se occultou na escuridão dos claustros.

Atonito ficou Alberto por alguns instantes, por effeito da surpresa que as palavras do frade lhe causárão. Deu-se pressa em deixar o convento; retirou-se para a sua estalagem, e ainda que procurou dar repouso ao seu agitado espirito no somno, só augmentou o movimento febril do seu sangue com a multidão de idéas estranhas e confusas que fervião na sua mente durante aquellas horas que por costume e necessidade são destinadas ao descanso. Amanheceu, e com a primeira luz sahiu da sua casa desejoso de respirar o ar fresco e livre. Continuou neste estado até as horas de se abrir o Banco; e mais para averiguar se as imagens que lhe apresentava a fantasia erão effeito de objectos reaes, do que na esperanza de se achar com novos meios de tornar a ver sua Gianneta, approximou-se a perguntar ao caixeiro se tinha alguma noticia dos seus correspondentes. — "Quatro mil cruzados forão hontem postos no vosso *Hu. de Haver*, porem sem nome. O sujeito que os entregou não quiz dizer donde elles vinhão.," — "Pouco importa isso, disse Alberto: uma vez que são para mim, estimarei que mandeis cincoenta moedas á estalagem.," "Sereis servido, respondeu o caixeiro.,"

"Abençoado seja o frade! exclamou consigo o Alemão. Santo o mais milagros de quantos eu tratei outrora de lisongear com missas! . . . Porem, em que diabo de enredo me tenho metido? Como sairei d'elle? Nem deves esquecer-te, amigo Alberto, que aqui em Veneza os homens desaparecem por alçapões abaixo, e poderia ser . . . Porem, para que affligir-me antes de tempo? Se eu cumprir com a minha commissão nada tenho que recear. O Gianneta! astuta e enganadora és tu; mas não posso viver sem ti! Animo, e vamos a sua caza.,"

O ouro é o metal mais prodigioso que tem formado a natureza. A sua influencia estende-se a distancias incriveis. Com tanto que um homem tenha as suas ordens uma boa porção d'este mineral poderoso, vereis o reflexo d'elle, na sua cara, ainda que elle se ache n'uma extremidade do diametro da terra, e o seu thesouro na outra. Uma tira de papel encantado transporta o ouro em poucos minutos a sua algebeira: os outros homens sentem o poder occulto do metal, e até os bosques e os rochedos lhe abrem passo. Como Gianneta não tinha a mais pequena semelhança com montes, nem pedras pelo que respeita a dureza, ainda que bem se lhes parecia alguma coisa no intricado de seu character, não é d'estranyar que os quatro mil cruzados que esperavão tranquilllos a assignatura de Alberto para voar até as brancas mãos da tal menina, operassem uma tão subita mudança na resolução que ella tinha tomado de nunca mais torna-lo a ver. Ao tempo que elle entrou inesperadamente na salla, uma especie de nuvem começou a juntar-se nas pretas sobranceiras de Giannet-

ta. Porem ainda não tinha Alberto acabado de dizer que a sua antiga amizade não lhe permitia deixá-la ignorante da honradez d'um dos devedores do seu pae, que lhe tinha mandado uma consideravel somma, sem elle a pedir nem a esperar; que nem o primeiro sorriso com que a Primavera anuncia a fugida do inverno, é mais aprazível do que aquelle com que Giannetta deu os parabens a Alberto pela sua boa fortuna.

Passado o primeiro enthusiasmo de allegria, não pôde deixar o nosso heroe de sentir o difficiloso que era o seu encargo. Presuroso, e empenhado em não perder tempo, ao dia seguinte começou a dedicar-se a Elvira com pretexto da amizade desinteressada, que a circumstancia de ser quem se dedicava á sua irmã, requeria. Pouco, porem, agradavão a Giannetta estas filosofias de amizade e desinteresse. Zelosa naturalmente da sua irmã, de quem era rival occulta pela inveja que lhe causavão os galanteos d'um homem tão poderoso em Veneza como Mocénigo; a suspeita de que até quasi o seu despennado Allemão, parecia inclinar-se para o iman principal da casa, encheu a medida da sua raiva, e a decidiu a não guardar termos na sua vingança.

Nunca Alberto tinha achado a sua Giannetta mais que prazenteira. Qual devera ter sido seu prazer quando a viu agora com todos os syntomas de apaixonada! A primeira indicação d'esta mudança foi o mostrar-lhe ciumes. Ciumes da parte d'uma amada! aonde está o homem que não tenha saboreado o primeiro trago d'este copo enganoso; agradável, e picante na superficie, e mais amargo que quina no fundo? Bem conheceu Boscan este sainete do amor, quando nos seus planos de felicidade, calculava com que sua amada: "Alguna vez se me mostrasse zelosa com tanto que o fosse brandamente.,"

Parte d'este desejo concedeu a fortuna a Alberto: a outra foi levada pelos ventos: quero dizer que ainda que Giannetta lhe deu o gosto de manifestar-se tão penetrada do seu amor que não podia tolerar que fallasse com a sua irmã; fê-lo com tudo d'uma maneira tão opposta á brandura appetecida pelo poeta, que não o deixava n'um só momento das vinte-quatro horas. Embaraçado o incauto joven, entre a louca perseguição que soffria, e a necessidade de executar a commissão da qual dependia não sómente o seu bem estar, mas tambem a segurança da sua pessoa; não sabia como proceder. Passavão entre tanto os dias, e nada adiantava com Elvira, a quem apenas podia dirigir a palavra que tal era a vigilancia de Giannetta. Perto de tres semanas havião corrido d'esta sorte, quando a astuta e zelosa, mudou de repente seu plano de ataque. Descuidou-se apparentemente dos passos e conducta de Alberto, e começou a manifestar-se affeccionada a um official rico, do lado de alem dos cincoenta, que mais por não saber como passar o tempo, do que por outro interesse mais vivo, frequentava a casa. Aqui perdeu os estribos o pobre Alberto: a sua paixão por Giannetta era demasiado louca para que este redomoinho de affectos não lhe acabasse de tirar o juizo. Rogou, ralhou, ameaçou, acariciou; tudo em vão. Giannetta mantinha-se firme na resolução que jurava ter tomado, de romper para sempre. Só um momento pareceu vacillar, e como se a paixão renascente a abrandasse máo grado d'ella; com os olhos baixos, como se quizesse occultar as lagrimas que lhe começavão a correr, deu ao agitado Alberto, o nome de ingrato, accusando-o pela millessima vez de a ter abandonado por Elvira.

Não menos vezes tinha estado o incauto mancebo a ponto de communicar o importante segredo que, na sua opinião lhe havia de restituir o socego, calmando a sua zelosa amante; porem as ultimas palavras

do frade resoavão ainda nos seus ouvidos, e o temor d'uma prisão perpetua lhe cosia a boca. Contudo, na agitação d'aquelle momento faltou-lhe a resolução, e cedendo a uma nescia ternura, contou a Giannetta a sua aventura com o frade, e a commissão de que estava encarregado.

A astuta Giannetta, ainda que incapaz de adivinhar o segredo, conhecia Veneza em demasia para não ter antes suspeitado, que algum dos agentes dos chefes de partido se estava aproveitando das difficuldades pecuniarias, e da singeleza de Alberto para os seus fins particulares. Alguns vislumbres de que por meio de Elvira se intentasse fazer mal a Mocénigo se tinhão apresentado a sua imaginação; e todas estas confusissimas duvidas a tinhão aguilhoadado para tirar o segredo a Alberto, não menos que a inveja que tinha a sua irmã.

A allegria que animou seus olhos quando se viu senhora de tão importante segredo, figurou-se ao infeliz Alberto, prova indubitavel do ardor com que o amava; e nem uma pequena sombra de suspeita obscureceu o seu coração, ainda que acabava de pôr a sua vida nas mãos d'uma mulher leviana. Embebecido no seu desatinado amor que agora, mais que nunca achava pábulo constante nas caricias de Giannetta; e confiado nos passos que esta lhe assegurava haver dado para averiguar a traição de Mocénigo, acreditava as bens urdidias petranhas que a sua amada lhe mettia na cabeça diariamente; e vivia na esperança de levar ao Frade as mais importantes informações.

O final para outro numero.

PARABOLA V.

A Maçã.

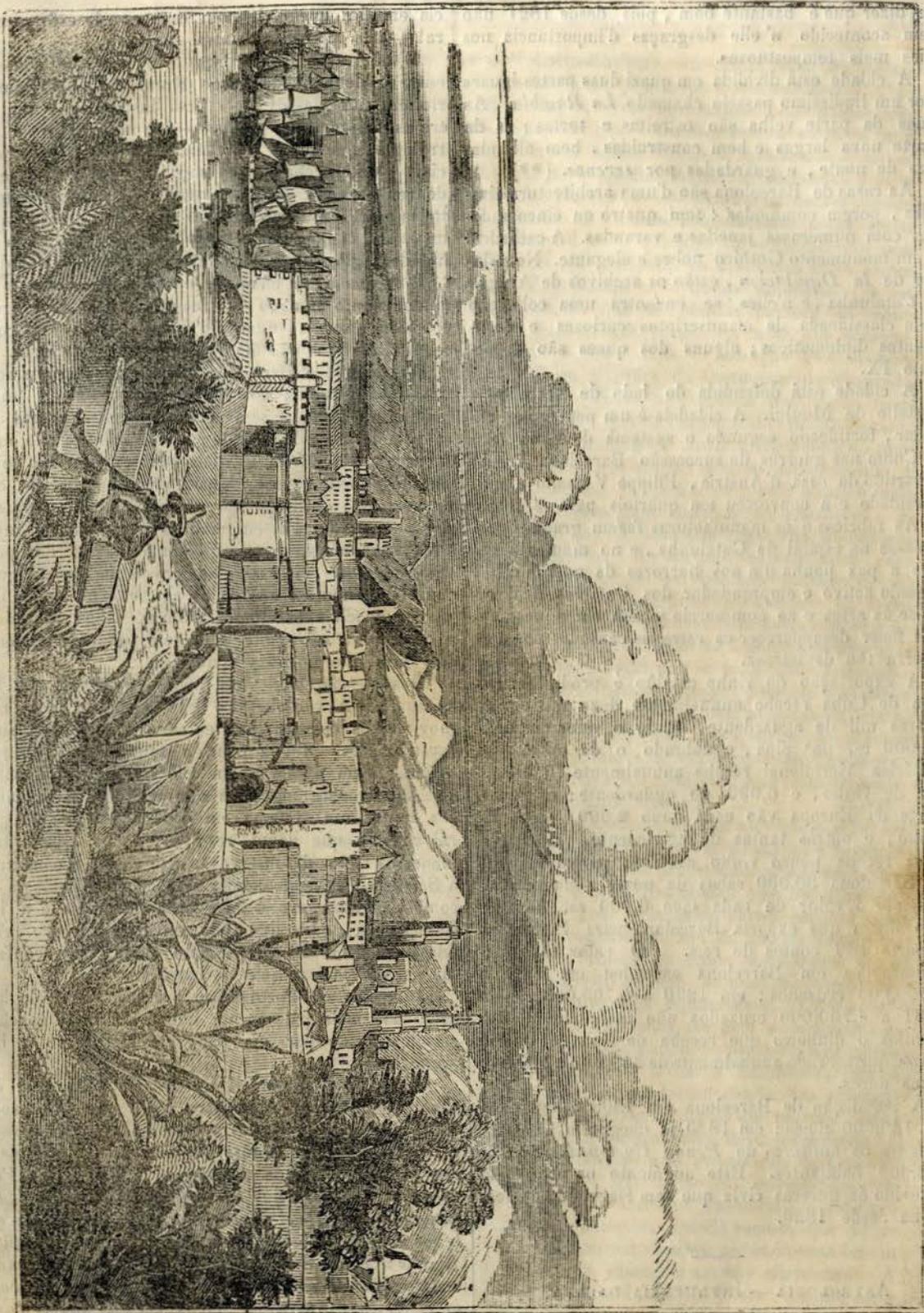
HAVIA na corte do rei Herodes um homem rico, que era seu camareiro mór, que vestia purpura e roupa fina, e que todos os dias se tratava esplendidamente em sua mesa. E veio d'uma terra distante visita-lo um amigo da sua mocidade, a quem não tinha visto havia muitos annos: e o camareiro deu-lhe um jantar magnifico para o qual convidou todos os seus amigos. Estavão as mezas cubertas com pratos d'ouro e prata, e com vasos riquissimos de perfumes e de vinhos de toda a especie. E o homem rico assentou-se á cabeceira da meza, estava cheio de gozo, e tinha á sua mão direita o amigo que havia chegado d'uma terra muito remota; todos comerão, e beberão e ficarão satisfeitos.

Disse então o viajante ao camareiro do rei Herodes: "Em paiz nenhum de quantos tenho atravessado tenho visto tanto esplendor e magnificencia como na tua casa." Gabou-lhe sua grandeza, e o reputou como o mais feliz dos mortaes.

Porem o homem rico, o camareiro do rei, tirou d'um prato d'ouro uma maçã, grande e de bella apparencia, e vermelha por fora como escarlata. E poggando na maçã disse: "Olhae; esta maçã repousava n'um prato d'ouro, e a sua vista é formosa;" e apresentou-a ao viajante, ao amigo da sua mocidade. Porem o hospede cortou a maçã em duas partes, e eis que no meio d'ella havia um verme.

Então o estrangeiro olhou para o camareiro, cheio de admiração: porem o camareiro abaixou os olhos no chão e suspirou.

VISTA DE BARCELONA.



BARCELONA.

Se havemos de acreditar o que nos dizem todos os viajantes que tem visitado ultimamente a costa do Mediterraneo, não ha uma cidade mais opulenta, mais industriosa, e que offereça mais attractivos para um estrangeiro em Hespanha do que a capital do antigo principado de Catalunha.

Dizem que Barcelona foi fundada por Hamilcar Barca ou Barcino, pelos annos 235 antes de Christo. Pela sua posição vantajosa esta cidade tem figurado

em todas as guerras importantes de Hespanha umas vezes com mau outras com bom exito.

Quando D. Fernando o Catholico foi visitar Barcelona chegou áquelle porto da sua segunda viagem ao Novo Mundo o descobridor d'elle, o immortal Colombo. Tambem em Barcelona se fez o primeiro ensaio do vapor applicado á navegação por Blasco de Garay (*) no anno de 1543 na presença de Carlos V de Allemanha e I de Hespanha.

O porto, posto que aberto do lado do sul, pode-

(*) Veja-se o N.º 4 do Museu, artigo Surdo-Mudos.

se dizer que é bastante bom, pois desde 1821 não tem acontecido n'elle desgraças d'importancia nos dias mais tempestuosos.

A cidade está dividida em quazi duas partes iguaes por um lindissimo passeio chamado *La Rambla*. As ruas da parte velha são estreitas e tortas; as da parte nova largas e bem construidas, bem allumiadas de noute, e guardadas por *serenos*. (**)

As casas de Barcelona são d'uma architectura simples, porem commodas; tem quatro ou cinco andares com numerosas janelas e varandas. A cathedral é um monumento Gothico nobre e elegante. No palacio de *la Diputacion*, estão os archivos de Aragão e Catalunha, e n'elles se encontra uma colleção bem classificada de manuscriptos curiosos e documentos diplomaticos, alguns dos quaes são do seculo IX.

A cidade está defendida do lado de terra pelo castello de Monjui. A cidadela é um pentagono regular, fortificado segundo o systema de Vauban.

Como nas guerras de successão Barcelona seguiu o partido da casa d'Austria, Philippe V aboliu a uni-versidade e a converteu em quartéis para a tropa.

As fabricas e as manufacturas fazem grandes progressos na capital de Catalunha, e no momento em que a paz ponha fim aos horrores da guerra civil, o genio activo e empreendedor dos Catalães dedicando-se ás artes e ao commercio saberá em poucos annos fazer desaparecer os estragos causados por uma guerra tão desastrosa.

A exportação do vinho catalão é prodigiosa: a ilha de Cuba recebe annualmente doze mil pipas, e tres mil de aguardente, sendo o valor d'aquelle 14,000 rs. por pipa, e dobrado o da outra. A América Meridional recebe annualmente 16,000 pipas de vinho, e 6,000 de aguardente; e para o norte da Europa vão cada anno 2,000 pipas de vinho, e outras tantas de aguardente. A Inglaterra recebe pouco vinho catalão, porem importa de Barcelona 30,000 sacos de nozes annualmente; e sendo o valor de cada sacco 6,000 rs., só o artigo nozes que exporta Barcelona para Inglaterra importa 180 contos de reis. O valor total das importações em Barcelona ascendeu em 1829 a 4,200,000 cruzados; em 1830 a 5,700,000; e em 1831 a 6,700,000 cruzados não incluindo n'estes calculos o dinheiro que recebe de Cuba e Puerto Rico e que ascende annualmente de 300,000 a 500,000 pezos duros.

A população de Barcelona em 1808 calculava se em 130,000 almas; em 1820 já chegou a 140,000, e agora os authores do *Penny Cyclopedia* dão-lhe 166,000 habitantes. Este augmento na população é devido ás guerras civis que tem flagellado a Hespanha desde 1820.

ASTROLOGIA — INFLUENCIA DA LUA.

TEMPO houve em que se julgava que o destino do homem poderia lêr-se nos movimentos e respectiva posição dos Astros, e delles dependia, nas circumstancias de benigna ou malefica influencia que estes ostentavam. Ao nascimento do homem era determinada sua futura sorte pelo aspecto do céu; — mal lhe ia em qualquer passo da vida se os astros ao enceta-lo lhe não fossem propicios; pare-

cia em fim que o homem escusava de esforço moral — não podia ir contra sua *sina*.

E não erão isto crenças vulgares que sómente entre o denominado vulgo circulavão; pelo contrario era nas classes mais bem instruidas — era entre os sabios desses tempos — que mais vogava a Astrologia, que assim se chamava a esta falsa sciencia. O monarcha em seu paço — o general á frente de seu exercito — o philosopho em seu gabinete — todos acreditavão no dominio dos astros, e cada qual explicava como podia o modo em que o Altissimo tinha delegado seu absoluto imperio nos corpos celestes.

E *Sciencia* se chamava então a este desvario do entendimento humano — e contudo nem sua origem era tão absurda, nem tão inuteis forão suas consequencias, que não mereção nossa consideração.

Do magnifico livro que a Natureza diaria e continuamente ostenta aos olhos do homem, a mais brilhante pagina é sem duvida aquella que nos desenhola a abobeda celeste; e não admira que onde faltasse a verdadeira sciencia para explicar tão complicados phenomenos, e espantosas apparencias, ahí apparecesse o atrevimento da Superstição, para tudo involver em leis enigmaticas e influencias mysticas, que acabarão por enleiar o espirito dos proprios adeptos. Nos mais tenebrosos tempos da ignorancia, o homem adorou os astros — nas mais benignas epochas da Crença n'um só Deus, Creador, e Director, não pôde o homem perder a veneração pelo que outr'ora divinisára.

Mas o *Astrologo* não poderá deixar de ser *Astronomo*. A verdade — o que havia de facto nos movimentos celestes por entre o absurdo de suas mystificações — foi-se pouco a pouco fixando em sua mente. Veiu o tempo em que o desenvolvimento, que subitamente vigorizou o entendimento humano, fêz brotar um systema em cada mente, e, na geral collisão que daqui resultou, todos perezêrão, menos os factos da observação que vierão a constituir a Sciencia. A Astronomia absorveu a Astrologia — como a ch'mica teve d'absorver a Alchimia e a indagação da pedra que tudo convertia em ouro. A's falsas sciencias devem portanto ainda hoje confessar as verdadeiras suas obrigações.

Entre nós os Portuguezes floresceu a Astrologia, como nos mais paizes com quem, até certa epocha, marchamos de par em par, em instrucção e ignorancia: —

“Estando o Infante Dom Duarte” diz Ruy de Pina “para tomar o Sceptro Real que já o esperava, e estando-se para isso vestindo de ricos panos e reaes . . . chegou a elle Mestre Guedelha, Judeu, seu Phisico, e grande Astrologo, e lhe disse: *Parce-me, Senhor, que vos apparelhaes para logo entrardes na Real Successão que a vos por direito pertence; peço-vos, por mercê, que este auto dilateis ate passar o meio dia, e nisso prazendo a Deus fareis vosso proveito, e será bem do vosso reino, por que estas horas em que fazeis fundamentos ser novamente obedecido mostrão ser mui perigosas, e de mui triste constellação, que Jupiter está retrogrado, e o Sol em decaimento, com outros sinais que no Ceu parêcem assaz infelizes.* O Infante lhe respondeu: *Bem sei, Mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes*

(**) A cidade de Valencia foi a primeira que instituiu estes guardas nocturnos com a obrigação de dizerem em alta voz a hora da noute e o estado da atmosfera; e como em aquella cidade a maior parte do anno o ceu está sereno, d'ahi lhes veio o nome de *serenos*.

(*) Astrologia e Astronomia poderão, uma e outra, significar a mesma sciencia, e com effeito, por muito tempo assim se confundirão. Hoje em dia reserva-se a segunda para denotar a sciencia do conhecimento dos movimentos &c.² dos corpos celestes; a primeira applica-se á falsa sciencia a que alludimos. Astrologia *judiciaria* lhe chamarão alguns para indicar que formava *juizos* do futuro; segundo as apparencias dos Astros.

vos nascem estes cuidados de meu estado e serviço; e eu não duvido que a *Astronomia seja boa, e uma das Sciencias entre as outras permittidas e approvadas e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobre-celestes; porem o que principalmente creio, he ser Deus sobre tudo, e com sua mão e ordenança são todas as cousas &c.*" E continuando o Infante a desprezar as instancias do seu Phisico fez-se alevantar por Rei, e "logo Mestre Guedelha affirmou que reinaria poucos annos, e esses serião de grandes fadigas, e trabalhos como forão &c."

Na Chronica d'el-Rei Dom Affonso V. devida aos trabalhos de Gomes Eannes d'Azurara e o mesmo Ruy de Pinã, achamos que Mestre Guedelha, por ordem do Infante Dom Pedro "regulava, segundo as influencias e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar obediencia" ao novo monarcha e em dizendo Mestre Guedelha, "que era boa hora" o Infante fez sua menagem ao novamente alevantado Rei.

"El-Rei Dom Manoel" diz Damião de Goes "foi muito dado á Astrologia Judiciaria, em tanto que no partir das náus para a India, ou no tempo que as esperava, mandava tirar juizos por um grande astrologo portuguez, morador em Lisboa, por nome Diogo Mendez Vezinho, e depois deste fallecer, por Thomas de Torres, seu phisico, homem mui experto, assim na Astrologia, como em outras sciencias; mas posto que desse credito a Astrologia, nunca o deu a agouros &c."

Em nossos dias está desvanecido o prestígio da Astrologia, que sómente se encontrará professada, em isolados districtos, por algum raro e occulto impostor, que vive á custa da credulidade de gente tão ignorante como elle mesmo. Ainda, todavia, circulão em todas as classes da sociedade opiniões que não tem outra origem, ainda se ouve fallar em boa e má estrella, em sina, e dita; ainda se teme da presença dos Cometas, em os quaes não acreditar foi acensação outr'ora sacada e não nos lembra quem; e ainda se encontra por ahí o Lunario perpetuo, cuja theoria se limita á perpetua sujeição do homem e seus actos ás phases da Lua.

Discorramos um pouco sobre alguns pontos desta ultima crença.

A Lua é, como dissemos em nosso n.º 5, um corpo opaco como a Terra, — como ella dotada das propriedades da Materia — e como ella sujeita ás leis geraes do universo. As unicas relações portanto que pode ter com a Terra dependerão da acção de gravitação que a Lua e a Terra entre si exercitão — e da Luz reflectida que a primeira envia á segunda.

Excluirmos em primeiro logar toda e qualquer acção de calor que a Lua sobre nós possa exercitar. Os naturalistas tem feito numerosas e aturadas experiencias, com instrumentos de summa susceptibilidade de indicação para descobrir se a Lua nos envia raios caloríficos. Todos os seus trabalhos tem apresentado resultados negativos; e é hoje universalmente reconhecido que a Lua não transmite á Terra quantidade alguma de calor.

Em quanto aos effeitos da luz que nos reflecte, é igualmente demonstrado que esta não envolve acção alguma chimica. O hydrochlorato de prata é uma substancia excessivamente sensível á operação da luz, e exposta á operação da luz solar, de branca que era, immediatamente ennegrece. Outro tanto não lhe acontece com a luz da lua, perante a qual não perde sua cor.

Os effeitos phisicos da luz lunar tem sido obje-

cto de discussão entre os sabios afim de esclarecer algumas ideas populares a este respeito. A' lua de Maio são, entre os agricultores, attribuidas influencias, cuja origem é manifestamente outra. E' muito usual neste tempo do anno gelarem-se (ou em phrase vulgar — queimarem-se, crestarem-se) os rebentões das plantas, e isto durante as noutes de luar claro; donde se attribue este desastre á luz lunar. Mas a verdadeira explicação do phenomeno é muito differente, e estriba-se na differença entre a temperatura das plantas e a do ar ambiente. A experiencia ensina que as plantas perdem de noute uma mui consideravel porção do calor que absorvêrão durante o dia. Esta evaporação de calor póde chegar a 7 ou 8 grãos do thermometro centigrado; e se acontecer (como na verdade tem logar neste tempo do anno) que a temperatura do ar durante a noute é de sómente 4 ou 5 grãos acima do ponto de zero, é claro que as plantas achar-se-hão 2 ou 3 grãos abaixo do ponto de gelo; o que é mais que sufficiente para lhes destruir os rebentões. E não se objecte que isto não tem logar nas noutes encobertas de nuvens. As nuvens servem neste caso da mesma maneira que serviria um redoma de vidro; ellas nem deixão esfriar a superficie da terra e o ar atmosphérico, nem consentem nesta evaporação das plantas; e a notavel differença entre a temperatura do ar e a das plantas não se achá então realisada. A lua, e as claras noutes de luar, não são nos casos referidos, senão indicações d'uma atmosphera clara, serena, e fria. Cubrão-se, com effeito, as plantas mimosas, com redomas de vidro, que dão passagem á luz lunar, e ver-se-ha que esta não lhes é prejudicial; pois a planta medrará.

Outros identicos effeitos se tem attribuido á luz lunar em quanto á putrefacção das substancias vegetaes a ella expostas — e é isto propriedade que já no tempo de Plutarcho (140 da Era christã) se lhe attribuia.

Exponhão-se dous pedaços de carne em um logar descoberto, e resguarde-se um da luz da lua. Ver-se-ha que este ultimo dura muito mais que o pedaço que está exposto ao luar, no qual a putrefacção se manifesta muito mais rapidamente. Quer-se explicar este phenomeno pelas mesmas causas acima apontadas. Diz-se, que a carne exposta ao luar perde muito calor — esfria e attráe a humidade, que é um principio essencial na decomposição das substancias animaes, conservadas depois de mortas. Mas ha quem recuse a legitimidade desta explicação.

Os effeitos produzidos pela gravitação da Lua são mais sensiveis. A gravitação é a consequencia de um poder doado pelo Creador á materia: a este poder se chama *attracção*, e d'elle resulta que todos os corpos se attráem mutuamente segundo uma lei em que influem as suas massas e as suas distancias. A esta lei estão sujeitas a Lua e a Terra; e como estes corpos estão assaz proximos (comparados com os mais corpos celestes) segue-se que o effeito de suas attracções é consideravel. Com effeito da attracção da Lua sobre a terra dependem as marés. A revolução da terra sobre seu eixo em 24 horas, e as diversas direcções em que apresenta sua superficie á Lua, são evidentemente as causas deste phenomeno tão regular e tão espantoso. Neste ponto concordão perfeitamente a theoria e a observação.

Mas a influencia da Lua sobre o fluido atmosphérico que circumda a terra é ainda muito pouco conhecida; e tão vigorosamente se contesta sua influencia nas mudanças do tempo, como por outros é asseverada. Havia já muito que os philosophos tinhão superciliosamente annullado a influencia das phases lunares nas vicissitudes do tempo — quando em tem-

pos que podemos dizer nossos, Lamarck, Poleni, e Toaldo, baseados em observações continuadas durante longa serie d'annos, se ostentão os campeões da influencia da Lua nas mudanças atmosphericas. Não pretendemos emitir opinião neste ponto, que somente o tempo decidirá; mas apresentaremos, como curiosa, uma tabella colligida das observações referidas, que, com mais informação a este respeito, se pode ver nas Mem. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa.

Mas note-se, que esta theoria não abrange a *qualidade* do tempo; ella não pertende determinar que fará bom ou mau tempo; e limita-se a *probabilidade* d'uma mudança.

Graos de probabilidade das mudanças de tempo.

Em Lua Nova.....	6 para 1
— Cheia.....	5 . . . 1
— Nova } Perigea*	33 . . 1
— Cheia }	10 . . 1
— Nova } Apogea	7 . . 1
— Cheia }	8 . . 1
— Perigea.....	7 . . 1
— Apogea.....	4½ . . 1

Epocha em que a
Lua está.....

No equinocio ascendente.....	3¼ . . 1
No equinocio descendente.....	2¾ . . 1
Lunisticio Boreal.....	2¼ . . 1
Lunisticio Austral.....	3 . . 1
Quartos Crescente e Minguante.	2½ . . 1

Donde se vê, por exemplo, que em qualquer Lua Nova ha a probabilidade d'uma mudança na razão de 6 contra 1; e na Lua Nova Perigea esta probabilidade é de 33 contra 1.

A maior parte dos naturalistas modernos rejeitão, como superstições e creenças d'ignorantes, as vulgares opiniões de serem certas phases da lua mais favoraveis para sementeiras, para a matança de gados, para colhimento de fructas, pesca de marisco &c.: assim como da influencia da lua em doenças e suas crises. E sem duvida que a maior parte dos decantados axiomas a estes propositos não são senão erradas explicações de phenomenos, que se devem a causas mui differentes que as que se lhes attribuem, mas que na maior parte das vèzes acompanhão, e portanto se equivocão, com as verdadeiras.

O privilegio do philosopho é duvidar de tudo cuja demonstração lhe é occulta. Por um lado, elle vê leis geraes de irresistivel força — e opiniões de seculos que se dizem baseadas em observações que, pelo outro, ninguém registrou. E assim não poucos são aquelles que recusão allegar seu juizo até que observações reaes venhão enforçar ou destruir as allegadas, — e a theoria lhes mostre o limite em que a miudezas da criação cessão de sentir as leis dos grandes phenomenos do systema do Universo.

GERARDO GIRALDES, OU O CAVALLEIRO
SEM PAVOR.

REINANDO em Portugal D. Affonso Henriques, houve um homem de geração illustre, natural da Beira, chamado Gerardo Giraldes, que por seus

feitos incomparaveis, e assombrosas façanhas ganhára o honroso appellido de *sem pavor*. No serviço de seu Rei havia-se sempre distinguido, mas commettendo um crime, cuja natureza ignoramos, ainda que alguns affirmão ser a morte de um grande valido d'ElRei a quem matára em desafio, não se teve por seguro em terras de D. Affonso, e se fugiu para o Alentéjo com muitos homisiados e gente perdida, onde de roubos se sustentavão, inquietando a Mouros e Christãos, e sendo nestas empresas tão temerario e deudado, que espalhando-se ainda mais a fama de seu nome, muitos a elle se vierão juntar, e em tão grande numero, que breve chegou a ter quinhentos e cincoenta de cavallo, e grande conta de pé. Já não atacava escondido como salteador, mas publicamente dava rebates como inimigo favorecido da fortuna; e em certos logares lhe davão os Mouros, medidas de pão e cevada para que os não encommodasse. Passados tempos, conheceu Gerardo quanto era indecoroso a seu nome e fé um tal officio; e então procurou traças de fazer esquecer seus damnos, e lucrar de novo as graças d'ElRei. Procurou um feito por que se tornasse util á patria e agradecido do Monarcha: tal foi cobrar a cidade d'Evora do poder de Mouros, antiga morada de Sertorio, e uma das mais nobres do Reino.

Ardua era a tarefa, e de difficil execução: pois que mais se havia de fazer por manha e ardil, que por força de combates, e se baldados lhe fossem os projectos, contra elle se conjurarião todos os Mouros do Alentéjo que então o havião como amigo. Tudo isto conheceu Gerardo, não lhe escaparão riscos, nem obstaculos, mas nada estremeceu aquelle forte cotação. Vivia elle e sua gente em castello que fundára na serra que chamão de *Montemouso*, cujas ruinas ainda hoje se vêem, conservando em si o nome de seu fundador, e para execução da traça que havia imaginado, tomando só cinco de seus companheiros, e deixando os outros se foi á cidade de Evora, sob pretexto de fallar ao alcaide della em importante negocio. Duvidarão os Mouros a principio de o deixar entrar; mas como o enxergassem mal acompanhado lhe franquearão a porta. Persuadiu Gerardo ao Mouro que vinha alli com o intento de com elle fazer liga, a fim de se defenderem de D. Affonso que já os assombrava com o brado de seus feitos e vozes de suas tenções. De taes frases e meios usou Gerardo que deu o Mouro inteiro credito a quanto elle disse, e tratando-o como amigo, o teve consigo dous dias, nos quaes pôde Gerardo descubrir seu animo, e examinar miudamente a fortaleza da cidade, vigilancia de sua guarda, e todas as mais cousas tocantes á sua defensão. Então assentou consigo o ardil de que havia servir-se, o qual nunca de outro fiou, senão de si mesmo, e voltando ao castello preparou a sua gente, e se pôz em campo sendo já noite.

Seguiu o denodado Gerardo, caminho differente do de Evora, o que sabido dos Mouros, cuidarão era alguma cavalgada que em terra de christãos ia fazer como de usança.

Na seguinte noite voltou Gerardo sobre a cidade de Evora, e chegando a pouco menos de meia legoa, se deteve detraz de um cerro emboscado entre matas, e alli descobriu á sua gente o intento

(*) A lua é *perigea*, quando em sua orbita está o mais perto da terra, e *apogea*, quando está o mais longe. A palavra *lunisticio* indica o ponto da orbita da lua mais afastado do equador, e este é *Boreal* ou *Austral* segundo a lua es-

tá ao Norte ou ao Sul da sua orbita referida ao Norte e ao Sul da terra. Estas epochas assim como as dos *equinocios* (tempo em que ella corta a orbita da terra a roda do Sol) encontrão-se em muitos *Almanachs* estrangeiros vulgares, — ou nas *Ephemerides*.

que levava de ganhar Evora, e ordenando-lhes o aguardassem ali com o maior silencio, e se occupassem entretanto em cortar páus daquelle mata, e afeiçoá-los á maneira de trancas, para o que depois se viu; em quanto elle sem companhia ia descobrir as vélas de uma atalaya, onde estava por sentinella um Mouro com uma filha sua, e dahi quando sentião algum rumor, fazião signaes a outra torre da cidade, e avisavão o que convinha. Cobriu-se Gerardo de ramas para se não differenciar do arvoredor, e chegou junto da torre, a tempo que o Mouro e a filha dormião, estando ella encostada a uma janella unica porta de entrada, e para onde se subia por uma escada de mão, que dentro se recolhia tanto que subião ás vélas. Animou-se sobre maneira o ousado cavalleiro, vendo-se assim favorecido da fortuna; e lançando de si a rama subiu mui prestes pela parede até á janella onde a Moura estava, e chegando-se a ella a lançou sobre os penedos em que a torre está fundada, com tal impeto que logo perdeu a vida; e achando dentro o páe entregue ao somno, lhe cortou a cabeça d'um só golpe que levou junta com a da moça para indício a seus companheiros de sua boa ventura. E chegando que foi aos seus, apartou cento e vinte de cavallo, para que fossem fazer trilha para a parte opposta até ouvirem o rumor e grita da cidade; e elle com o restante da gente se foi direito á torre donde fez signal aos mouros, com o fogo que accendeu, que havião christãos contra aquella parte. Grande foi o alvoroço na cidade, e o alcaide e toda a gente, postos em som de guerra, sairão ao rebate; e certificados pelos escutas e descobridores "que havia gente de cavallo no campo, ainda que a trilha não era de muita copia" sahiu o alcaide fóra de muros com a principal gente de armas, cuidando fazer uma gentil cavalgada; e com o alvoroço de seguir os Christãos não advertirão em fechar as portas, nem houve quem se temesse de ser acomettido. Mas Gerardo acudindo pouco depois de o alcaide ter partido, se assenhoreou da porta da cidade, e metteu por ella a sua gente, sem motim, e sem a escuridão da noite deixar vêr o que era, nem reconhecer aos Mouros ser gente contraria senão a tempo que as mortes e destruição lhes descobrirão a verdade. Era grandissima a confusão, porque os Christãos mettião a espada a quanta gente se lhes offercia, sem perdoar a grandes nem pequenos; e se achavão alguma porta com ferrolho corrião-no para que os moradores não podessem acudir aos que appellidavão por soccorro, e as outras que tinhamo sómente arruellas, mettião-lhe por ellas os páos feitiços que trazião já para este fim, e tão prestes se fez tudo isto que quando o alcaide soube do engano, já os nossos estavam senhores de todas as forças, e quando quiz dar volta para a cidade, achou Gerardo e a seus companheiros que lhe defendêrão a porta com admiravel esforço e galhardia, e os entretiverão ás lançadas até que chegarão os cento e vinte que forão fazer a trilha, e dando-lhe pelas costas os rompêrão, e poserão em desbarato, acrescentando nelles o temor, não só o damno e perda da cidade, mas a confusão da noite, e gritos das mulheres e meninos; e desconfiando já de cobrarem o perdido se poserão em fugida tendo para si que dentro da cidade era D. Affonso.

Não curarão os nossos de segui-los; mas entrados que forão na cidade, acabárão de assegurar algumas estancias fracas; e começarão depois de ir abrindo cada porta, dando licença aos Mouros de se irem onde lhes aprouvesse, só com o vestido que em si havião.

Grande foi o despojo, e delle fez Gerardo um brilhante presente a D. Affonso, e aos seus avultada recompensa. Por este feito denodado e temerario lucrou o valente Gerardo Giralde o perdão de seu crime, a estima de seu Rei, e a admiração da posteridade; e na cidade d'Evora legou elle aos vindouros padrão duradouro de seus altos feitos.

E' esta illustre acção que inspirou ao nosso sublime e patriotico Camões a seguinte estancia.

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias.
Ella por armas toma a similhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Geraldo Sem-pavor é o forte peito.

Camões. C. 8.º est.ª 21.

VENTRILOQUOS.

TECHNICAMENTE fallando, tem-se dado o nome d'*engastrimysmo* á *ventriloquia*, ou faculdade de fallar de maneira que a voz parece sair do estomago ou do ventre. Os mais antigos authores tiverão conhecimento d'este modo de fallar.

Os sacerdotes impostores do paganismo recorrêrão muitas vezes ao ventriloquismo para enganar os espiritos credulos e supersticiosos. A Pythonisa, assentada na sua tripode, e fingindo estar possuida d'um furor divino, era frequentemente uma habil *engastrimytha* ou ventriloqua.

Não é nosso animo entrarmos a explicar scientificamente o ventriloquismo; diremos sómente que a incerteza com respeito a direcção que segue o som, é o fundamento da arte do ventriloquismo. Para que alguns dos nossos leitores pouco familiarizados com o poder d'esta arte, possam conhecer até que ponto chega a illusão que produz um habil ventriloquo, vamos referir alguns casos de data antiga, e outros bem modernos: talvez elles sirvão para se acautellarem d'alguns impostores.

Um especieiro de S. Germão-en-Laye, em França, chamado Saint-Gilles, entrou n'uma occasião n'um convento visinho para abrigar-se d'uma tempestade. Os religiosos estavam lamentando a morte d'um membro da sua communitade que acabava de ser enterrado. De repente ouve-se uma voz gemebunda que vinha do tecto do choro explicando o estado do defunto no purgatorio, e reprovando a falta de zelo dos religiosos. A noticia correu logo por todos os angulos do convento; reunirão-se os padres na igreja; a voz continuou a ouvir-se na mesma forma repetindo seus lamentos. Então os religiosos cheios d'um temor santo ajoelharão-se e cantarão um solemne *de profundis*: durante os intervallos a alma do frade manifestou seu agradecimento por aquelles piedosos exercicios. O prior do convento censurou depois o moderno scepticismo sobre as apparções, e Saint-Gilles teve bastante difficuldade em convencer aos frades que tudo aquillo tinha sido um engano.

Outro ventriloquo, Luiz Barbante, moço da camara de Francisco I, empregou a sua arte com mais proveito. Namorado d'uma linda e rica rapariga, pediu-a em casamento, porem os parentes d'ella o desprezárão. Havendo morrido o páe da menina, Barbante foi dar os pesames á viuva; porem logo que elle entrou ouviu-se a voz do defunto que dizia á

viuva. " Eu te ordeno que des em casamento a minha filha a Luiz Barbante, homem rico e honrado, e porque eu a neguei em vida estou agora a soffrer os mais terriveis tormentos. Obedece, porque teu marido possa gozar d'uma paz eterna. Uma ordem tão tremenda não podia deixar de ser executada, e Luiz Barbante casou com a rapariga.

Mas como não era tão rica como tinha dito o defunto, foi á casa d'um tal Cornu velho banqueiro de Leão, muito avaro, e usurario. Durante a visita introduziu com muito geito a conversação d'espectros e demonios, de apparecidos e almas do purgatorio; depois durante um intervallo de silencio, onviu-se a voz do pae do avaro lamentando-se de se ver no purgatorio, e pedindo ao seu filho que o libertasse de tantos tormentos dando a Luiz Barbante uma quantia de dinheiro para remir Christãos cattivos em Argel. O avaro foi ameaçado com os castigos eternos do inferno se não expiava assim os seus proprios peccados: mas tal era o amor do banqueiro ao seu dinheiro que o ventriloquo se viu obrigado a fazer-lhe outra visita. N'esta occasião não sómente o pae do velho, senão todos os seus defuntos parentes começarão a altos gritos a pedir misericordia e a ameaça-lo, em termos que o banqueiro ficou atterrado e deu ao ventriloquo dez mil cruzados para remir cattivos; porem elle não teve escrupulo em os guardar para si. Quando o avaro chegou a saber o caso, ficou tão arrenegado que morreu de paixão.

Os ventriloquos do seculo XIX tem aperfeiçoado a sua arte até um ponto que parece incrível, imitando dialogos de muitas pessoas a um mesmo tempo, e sem fazer mover os musculos da cara.

Os que mais setem distinguido em França e Inglaterra são Fitz-James e M. Comte: eis aqui algumas scenas curiosas d'este ultimo.

SCENAS DE VENTRILOQUISMO DE M. COMTE.

Um Commissario de Policia e Gendarmas mystificados.

No dia 5 de Julho de 1814 M. Comte embarcou em Leão de França com a sua familia ás 3 horas da manhã para ir a Chalons. Os passageiros ficarão logo adormecidos; e o habil physico começou sem perder tempo a fazer uma das suas. A varios officiaes tirou-lhes a cruz da legião da honra, e o relógio; a uma linda dama o retrato do seu amante e a cadeia d'ouro; a uma velha devota o livro das orações e os oculos; a um padre as fivelas de prata. A medida que vão accordando todos se queixão de que lhes falta alguma cousa; a dama julga que o official que está ao pé d'ella lhe tirára o retrato, e o official pensa que a dama tem a sua cruz. No meio do barulho, M. Comte fingindo accordar em aquelle instante pergunta de que se trata, e querendo saber as horas que são se queixa de que lhe falta o relógio e um anel. Casualmente estavam embarcados o Commissario da Policia de Mácon e varios Gendarmas; o Commissario manda a todos que examinem as algibeiras virando-as para afora; porem nada apparece; observando isto diz que o ladrão para não ser apanhado tinha deitado ao rio os objectos roubados. — Para que não digão que entre nós está o ladrão, todos os Gendarmas e eu mesmo vamos mostrar tambem as nossas algibeiras. — Qual não seria a surpresa geral ao ver que o Commissario tinha nos seus bolsos o retrato e a cadeia da dama, o relógio e o anel de M. Comte, e os Gendarmas todos os outros objectos roubados!

Todos estavam stupefactos quando se ouve uma voz aguda pedindo socorro, fora da barca: *de pressa que me affogo ...* O barqueiro e M. Comte despem-se e se lanção ao rio, e o grito continua a ouvir-se uma vez d'um lado; outra d'outro lado da barca; depois de vãs diligencias o barqueiro diz que o homem tinha ido ao fundo, e volta para o barco com M. Comte: todos pensão que era o ladrão a quem Deos tinha castigado. Finalmente chegam a Mácon, e o director do theatro pergunta ao capitão por M. Comte, e logo se descobre o mysterio.

O Jumento revolucionario.

O mesmo célebre ventriloquo estando em Chalons viu vir pela estrada de Bourg um lavrador montado n'um jumento. De repente, a imitação da jumenta de Balaam, o jumento do rustico começa a fallar a seu amo d'esta sorte: " Abaixo, maroto, do contrario te mato agora mesmo; já estou cansado de levar-te, justo é que tu tambem me leves. *Viva a liberdade, a igualdade e a fraternidade.* A estas funestas palavras que tanto sangue custarão á França, o lavrador cae aturdido, e levantando-se pouco depois cheio d'espanto corre a deitar os bofes para denunciar a policia seu jumento. Entre tanto M. Comte monta a cavallo no mesmo animal, alcança o labrador, tranquilliza-o, e dá-lhe uma peça do valor de cinco francos.

A Diligencia detida pelos ladrões.

A diligencia de Chalons a Macon ia cheia de passageiros e entre elles um judeo; já havia mais de meia hora que viajavão de noite quando ouvem as vozes de varios ladrões; a bolça ou a vida! O volieiro pára; logo uma voz na portinhola manda entregar o dinheiro, relógios, aneis &c, M. Comte que era um dos passageiros recebe o dinheiro de todos para o entregar ao ladrão. Em seguida, uma voz de Stentor grita dizendo, está bom, volieiro, podes partir. Este faz voar os cavallos. Assim que passou o primeiro susto todos erão d'opinião que o maldito judeo era a causa do roubo, e logo que se apearão o denunciarão aos Gendarmas encarregados d'examinar os passaportes. Então M. Comte tendo compaixão do filho de Israel confessa ser elle complice dos ladrões e entrega os objectos roubados. Os Gendarmas o levão preso, e declara que os seus complices estão n'uma estalagem que elle nomea. Sendo conduzido a ella logo que entrarão no pateo, o ventriloquo começou a gritar: Ola! Trigan, Polaco, Delatour, Joanhão, Ponela promptos, cada qual para o seu logar; varias vozes saem da adega e dos celeiros; já cá estamos, querido La Rissolle, promptos para o que nos mandar. O sargento e os gendarmas correm a adega e aos celleiros; mas durante este tempo o ventriloquo passou a casa do prefeito, que o recebeu com agrado. Escusado é dizer que os gendarmas ficarão pouco satisfeitos com o chasco.

O Ladrão Logrado.

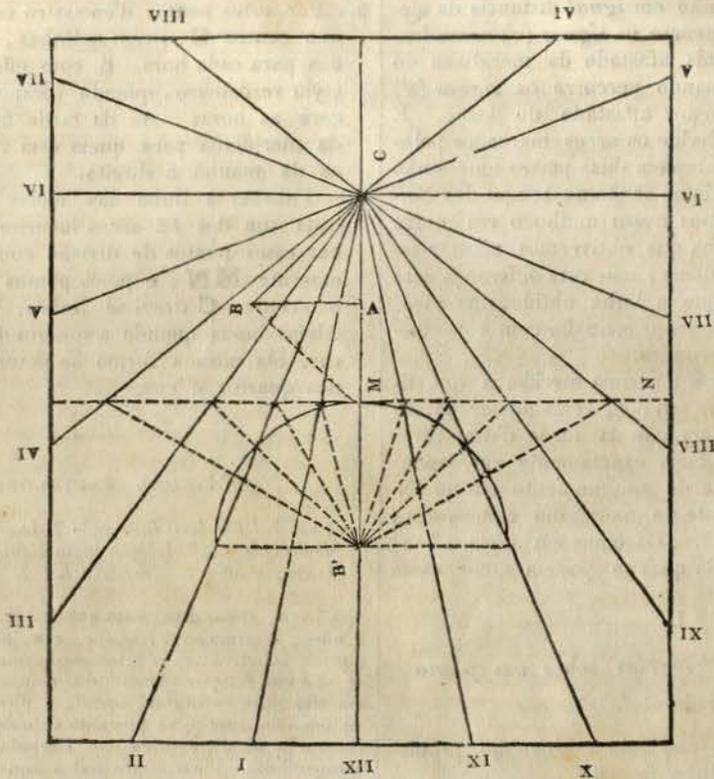
N'uma das suas viagens M. Comte desceu da carruagem para passar um momento pelo bosque de Bondy: um homem que estava a cortar lenha pede-lhe um cruzado novo, e como Comte não o quizesse dar, o rachador se lança a elle e pede-lhe a *bolça ou a vida.* O viajante pára com a bengala o golpe que o ladrão lhe dirige, e ao mesmo tempo grita: aque del-Rei, Denizart, Laviniere, Baquollet, Alibrutal, Godiveau! Ao mesmo tempo varias vozes respondem a esta chamada: o ladrão que não esperava tanta gente em aquelle sitio solitario, julgou-se perdido e botou a fugir cheio de medo.

PROBLEMAS DE GNOMONICA,

OU ARTE DE FAZER RELOGIOS DE SOL.

JULGAMOS que alguns dos mais essenciaes problemas para a construcção de relógios de Sol, tratados d'uma maneira simples e despidos de minuciosidades

scientificas, serão d'interesse para grande numero de nossos leitores. Escolhemos para nosso guia um excellente tratado por Mr. Mollet, para a intelligencia do qual pouco mais se exige do que o conhecimento da divisão do circulo em 360 grãos, de cada grão em 60 minutos, e cada minuto em 60 segundos, assim como o uso da regoa e do compasso.



I.

Traçar uma Linha Norte-Sul sobre um plano horizontal.

Depois de nos termos certificado por via d'um nivel qualquer, que o plano escolhido está bem horizontal, tomaremos nelle um ponto, do qual, como centro, descreveremos varios circulos, de varios diametros, e no referido centro fixaremos, em direcção bem perpendicular ao plano, um varão de metal d'algumas polegadas de comprimento; e pela manhã em dia sólheiro, á medida que a extremidade da sombra do varão fôr tocando a circumferencia de cada um destes circulos concentricos iremos marcando os pontos em que estes encontros tiverem lugar. De tarde a sombra do varão irá tocando as mesmas circumferencias (em ordem inversa da que essa sombra pela manhã seguirá; i: e. tocando, em primeiro lugar de tarde, o circulo que de manhã tocára ultimo, e assim successivamente) e marcaremos da mesma forma os pontos deste novo encontro. Dividiremos em dous arcos iguaes cada arco maior comprehendido entre os dous pontos marcados em cada circumferencia pelos encontros de manhã e de tarde, e acharemos que os meios assim determinados de cada arco grande, estão em uma mesma linha recta, que passa pelo centro de todos os circulos. Esta recta é a linha Norte-Sul; ou a Meridiana, porque marca o Meio-Dia.

Em rigor uma unica circumferencia bastaria, na qual, marcados os pontos dos encontros de manhã e

de tarde, e dividido o arco resultante do modo referido, acharíamos um ponto da meridiana, e como esta deve necessariamente passar pelo centro do circulo, teríamos dous pontos, sufficientes para seu traço. Mas como pode acontecer que n'uma unica observação de manhã e n'outra de tarde haja alguma falta de exactidão, e como demais pode ser que o tempo não dê lugar a uma das duas observações, é costume bem entendido o traçar varios circulos com o mesmo centro e diametros diversos. Desta sorte obter-se-hão varios pontos, que excluirão duvidas sobre a exactidão do resultado, se se achar que são situados sobre uma mesma recta que passa pelo centro; e quando houver alguma divergencia desta linha recta pode tomar-se um meio termo entre uns e outros pontos, e desta forma obter a linha meridiana correcta.

Em vèz do varão de metal, a extremidade de cuja sombra é sempre mal distincta, é melhor empregar um *gnomon*, que vem a ser um varão terminado por uma chapa na qual se tenha furado um buraco pelo qual podem passar os raios do sol. Mas é neste caso essencial que o centro deste buraco e o centro dos circulos concentricos estejam na mesma linha perpendicular; e devem marcar-se os pontos de encontro de manhã e de tarde fazendo uso do centro do circulo luminoso que o referido buraco formar no plano horizontal.

O methodo que temos exposto, e que se chama das *Alturas Correspondentes*, é fundado na supposição de que no intervallo entre as observações de manhã e de tarde, o sol descrevera um arco paralelo ao equador, e que sua distancia ao mesmo o equador,

ou sua *declinação*, é durante este tempo sensivelmente a mesma. Mas esta supposição sómente nos (a) solstícios se realisa: em toda outra epocha do anno a *declinação* do sol varia d'hora em hora; nos (b) equinoxios esta *variação* chega até ser d'um minuto de grão para cada hora. Donde resulta que no decurso de quasi todo o anno, quando de tarde a sombra tem o mesmo comprimento que teve pela manhã, o sol está com effeito na *mesma* altura sobre o horizonte, mas não em *igual* distancia da meridiana; quando elle percorre os *signos* (c) *ascendentes* estará de tarde mais afastado da meridiana do que pela manhã; e quando percorre os *signos* (d) *descendentes* estará menos afastado de tarde. E portanto a linha que divide os arcos marcados pelos dous encontros da sombra em duas partes iguaes não será a verdadeira meridiana senão no tempo dos *Solstícios*. Se empregarmos nosso methodo em outro qualquer tempo, a linha que obtivermos afastar-se-ha da verdadeira meridiana; mas esta differença será sempre tão pequena que a linha obtida, nos casos mais desfavoraveis, indicará o meio dia com a inexactidão de mui poucos segundos.

Se porem se quizesse ter uma meridiana que tivesse toda a possível exactidão, seria mister adiantar ou retardar a observação da tarde d'um certo espaço de tempo que faria exactamente corresponder a observação de tarde ao momento em que o sol estivesse tão distante do meridiano como estava na observação de manhã. Daremos em nosso n.º seguinte uma Taboa pela qual se podem saber esses espaços de tempo.

II.

Traçar as linhas horarias sobre um plano horizontal.

1. Marcar-se-ha pelo methodo exposto no problema primeiro uma linha meridiana.
2. Em qualquer ponto **A** desta Meridiana (veja-se a figura) elevar-se-ha perpendicularmente ao plano uma vara metallica, (de 3 ou 4 pollegadas de comprimento,) a que denominaremos o *falso stylo*.
3. Pelo mesmo ponto **A**, e no plano horizontal, tirar-se-ha uma perpendicular á meridiana **AB**; a esta perpendicular dar-se-ha um comprimento igual ao *falso stylo*.
4. Na extremidade **B** desta perpendicular, e do lado do Sul, far-se-ha um angulo **ABC** igual ao *complemento da Latidade* do logar; isto é, um angulo que seja a differença entre essa latidade e 90 grãos. No Porto cuja latidade é marcada nas Ephemerides 41 grãos, 8 minutos, e 24 segundos, o angulo **ABC** deve ser igual a 48 grãos, 51 minutos, e 36 segundos. O mesmo angulo serve, com sufficiente exactidão, para as vizinhanças desta cidade. O lado **BC** deste angulo irá encontrar a meridiana em um ponto **C**.
5. No ponto **C** fixar-se-ha o *stylo verdadeiro*, que se deverá inclinar sobre a extremidade superior do falso stylo e nelle terminar. Desta sorte ficara a aresta do verdadeiro stylo na direcção do Norte.
6. No ponto **B** levantar-se-ha uma perpendicular sobre **BC**, que irá encontrar a meridiana no ponto **M**. Por este ponto **M** tire-se uma perpendicular **MN** á Meridiana.

- (a) Pelos dias 21 Junho e 22 Dezembro.
 (b) Pelo dia 22 de Setembro.
 (c) Desde 22 Dezembro até 21 Junho.
 (d) Desde 21 Junho até 22 Dezembro.

7. Tome-se sobre a meridiana desde o ponto **M**, um comprimento **MB'** igual a **MB**; e do ponto **B'** como centro, e com a abertura de compasso **B'M** descreva-se um semi-circulo que se deverá fechar com um diametro paralelo á linha **MN**.
8. Divida-se esta semi-circumferencia em 12 partes iguaes *, e pelo centro **B'**, e os pontos de divisão assim marcados, tirem-se rectas que vão encontrar a linha **MN** em varios pontos.
9. Por estes pontos d'encontro com a linha **MN**, e o centro **C**, tirem-se linhas, que serão as pedidas para cada hora. E com effeito, a sombra do stylo verdadeiro, quando tocar nessas linhas marcará as horas. As da tarde ficarão á esquerda da meridiana para quem está virado para o Sul; as da manhã á direita.
10. Para ter a linha das meias horas, divida se cada um dos 12 arcos mencionados em 2 partes; por esses pontos de divisão conduzão-se linhas rectas até **MN**; e pelos pontos nesta marcados, e o centro **C** tirem-se linhas, que marcarão as Meias horas quando a sombra do stylo nellas tocar. Da mesma forma se determinarião as linhas dos quartos d'hora.

MANUAL ENCYCLOPEDICO.

para uso das Escolas d'Instrucção Primaria: por Emilio Achilles Monteverde. 2.ª Edição augmentada. Moraes — na Cordearia; Santos — Carranca n.º 2.

Um livro, como este; com que o Sr. Monteverde brindou a nossa Instrucção Primaria, era, ha muito, desejado: porque afflictiva era a ignorancia com que dessas Escolas se saía em relação a numerosas cousas com que o homem, em sua posição moral, social, e physica, diariamente se vê em contacto. No pequeno volume a que referimos encontrarião os Directores das Escolas Primarias claras e compendiosas idéas sobre todos aquelles assumptos geraes, sem cujo conhecimento todo o progresso da instrucção ulterior será infundado. O livro tem sido tão justamente apreciado, (como bem o indica a extracção da 1.ª Edição de 2100 exemplares,) e tanto e tão merecidamente elogiado, que julgamos escusado expender-nos a este respeito, e mais serviço fazer em proveito d'aquelles de nossos leitores que o não tem visto, em apontar-lhes um resumo indice das materias nelle tratadas:

Definição da moral, em geral, e explicação dos deveres do homem
 Explicação ácerca do Universo, Sol, Estrellas, Planetas, Terra, Lua, Eclipses, Cometas, Calendario, diferentes systemas do Universo, Elementos, Nuvens, Chuva, Neve e granizo, do Mar, do Homem, das diferentes raças de homens, Historia Natural, Reino Animal, Reino Vegetal, Reino Mineral, Povos mais celebres da antiguidade, Religiões em que se divide o Globo, Linguas principaes da antiguidade, Linguas principaes existentes, Resumo da Grammatica Portugueza, Orthographia, Pontuação, Os sete Sabios da Grecia, e suas maximas principaes, As sete maravilhas do Mundo, Resumo da Arithmetica, Resumo de Geographia moderna, contendo, pelo que respeita a Portugal, uma interessante noticia ácerca de todas as nossas Ilhas e mais Dominios Ultramarinos, Litteratura portugueza, em que se trata das obras dos autores que mais contribuirão para a nossa gloria Litteraria, Resumo de Mythologia, Resumo da Historia de Portugal, Quadro elementar das instituições humanas, das sciencias e das artes pela sua ordem natural, idéa do que é Sociedade e dos encargos a que todos estamos sujeitos, Resumo da vida de 82 autores mais celebres da antiguidade, e noticia das obras que mais contribuirão para immortalisar seus nomes, Meio de propagar a instrucção, Utilidade da Gymnastica, Observação sobre a educação moral dos meninos.

[Julgamos dever apontar um erro typographico que se encontra a pag. 450.—Ahi se diz que a arte d'imprimir introduziu-se em Portugal "pelos annos de 1470 a 1474 no reinado d'El Rei D. Manuel." Por esses annos reinava D. Affonso V.]

* Esqueceu ao nosso gravador as 2 linhas que completarião as 12 divisões. Uma determinaria as 7 horas da manhã, e outra as 5 da tarde.